

TÍTULO DO RESUMO: SIMÃO TOCO E O TOCOÍSMO: PERCURSO RELIGIOSO E POLÍTICO DO FUNDADOR DA IGREJA (1918-1974)

Fernando Hélder Panzo Macaia¹

Resumo: a comunicação traça o trajecto biográfico de Simão Toco visto pelo prisma da sua acção religiosa, como fundador de uma Igreja sincrética “angolana”, e política, como partidário de uma solução política pós-colonial de natureza “pacifista”. A literatura disponível não tem deixado de dar atenção à biografia de Simão Toco, especialmente até ao seu regresso a Angola, em 1974 (BLANES, 2014; CLÉRIA, 2012; MATUMONA, 2008; KISELA, 2004; HENDERSON, 1990; AGOSTINHO, s/d;). Nela encontramos, todavia, poucos avanços cognitivos que não tenham sido registados na literatura dos anos 1960-70. De um modo geral, para o arco temporal aqui em análise (1918-1974), têm sido definidas, de forma implícita, as seguintes fases biográficas: nascimento e formação nos centros da Igreja Baptista; viagem ao Congo Léopoldville e fundação da Igreja; expulsão do Congo e exílio para os Açores. O critério que vamos adoptar, baseado em literatura recente sobre biografias coloniais (Fonseca, 2018), organiza a biografia de Toco até 1974, em torno da sua experiência Trans-colonial: a 1ª fase angolana, desde o ano de nascimento até 1943; a fase congoleza de 1943 até 1950; a 2ª fase angolana (1950-1963) e a fase da Deportação nos Açores (1963-1974). Para a nossa discussão serão usadas como principais fontes provenientes de três fundos documentais: o do Ministério do Ultramar Português (Arquivo Histórico Diplomático), o da PIDE/DGS Serviços Centrais e Delegação de Luanda, e o dos Serviços de Centralização e Coordenação de Informações de Angola.

Palavras-chaves: Simão Toco, Tocoísmo, Igrejas africanas, nacionalismo religioso.

¹ Doutor em História Contemporânea (Universidade de Évora); Professor Auxiliar - ISCED do Uíge (Email: heldermacaiaosanto@hotmail.com)

Abstract: the communication traces the biographical path of Simão Toco seen from the perspective of his religious action, as the founder of a syncretic “Angolan” Church, and political, as a supporter of a post-colonial political solution of a “pacifist” nature. The available literature has not stopped paying attention to Simão Toco's biography, especially until his return to Angola, in 1974 (BLANES, 2014; CLÉRIA, 2012; MATUMONA, 2008; KISELA, 2004; HENDERSON, 1990; AGOSTINHO, s / d;). In it, however, we find few cognitive advances that have not been recorded in the literature of the 1960s-70s. In general, for the time frame under analysis here (1918-1974), the following biographical phases have been implicitly defined: birth and formation in the centers of the Baptist Church; travel to Congo Léopoldville and founding of the Church; expulsion from Congo and exile to the Azores. The criterion that we will adopt, based on recent literature on colonial biographies (Fonseca, 2018), organizes Toco's biography until 1974, around his Trans-colonial experience: the 1st Angolan phase, from the year of birth until 1943; the Congolese phase from 1943 to 1950; the 2nd Angolan phase (1950-1963) and the Deportation phase in the Azores (1963-1974). For our discussion, the main sources from three documentary funds will be used: that of the Portuguese Overseas Ministry (Diplomatic Historical Archive), that of the PIDE / DGS Central Services and Luanda Delegation, and that of the Centralization and Coordination Services of Information of Luanda. Angola.

Keywords: Simão Toco, Tocoísmo, African churches, religious nationalism.

Introdução

Sendo a consciência religiosa um facto marcante e dominante em África, assim, qualquer investigação que pretenda estudar os aspectos da vida social dos povos africanos terá necessariamente de considerar o papel e a importância da religião. A sua secundarização poderá conduzir a uma compreensão deficiente e deturpada das realidades africanas e a erros de interpretações políticas e culturais inevitáveis (GROMIKO, 1987, 5). Muitas igrejas africanas e também cristãs tiveram ligações com Simão Toco, tendo influenciado o seu pensamento bem como o desenvolvimento religioso da doutrina que fundou ao longo da sua história. Neste contexto, destacamos os contactos que teve com as Testemunhas de Jeová, a Sociedade Missionária Baptista e a Igreja Kimbanguista, entre 1933 e 1949.

Este percurso a ser traçado vai começar com uma breve biografia, ou seja, desde 1918, ano do nascimento do carismático líder religioso até 1949, ano que Simão Toco considerou da descida do Espírito Santo em África e também o momento em que se deu a fundação do movimento no território do Congo Léopoldville e seguir-se-á o período da expulsão de todos os aderentes da nova religião para o território de Angola em 1950 e concluiremos a biografia com o exílio do líder religioso para os Açores de 1963 até 1974. Sabe-se que esta ocorrência defendida por Simão Toco aconteceu depois de ter ganho uma experiência religiosa a partir das missões baptistas e também ter ouvido das façanhas de Simão Kimbangu.

1. O PERCURSO RELIGIOSO E POLÍTICO DO FUNDADOR DO TOCOÍSMO E UMA EXPERIÊNCIA TRANS-IMPERIAL

O critério que vamos adoptar, baseado em literatura recente sobre biografias coloniais (Fonseca, 2018), organiza a biografia de Toco até 1974, em torno da sua experiência Trans-colonial: a 1ª fase angolana, desde o ano de nascimento até 1943; a fase congoleza de 1943 até 1950; a 2ª fase angolana (1950-1963) e a fase da Deportação nos Açores (1963-1974).

Sobre a 1ª fase angolana, dizer que Simão Gonçalves Toco nasceu a 24 de Fevereiro de 1918, no povo *M'banza Zulumongo*, sobado do *M'banza M'pambo Sady*. *Sady* era a povoação onde vivia o soba grande que se chamou de *M'bala N'ze M'beba* e *Zulumongo* ou *M'banza M'pambo Sady*, onde vivia o soba pequeno que era o seu pai, *Ndombele Luvumbu Ditopo* ou *Toco*, casado com *Ndundu N'simba Toco*, ambos agricultores. Pertenciam a clã de

Nampemba, tribo dos zombo do grupo bakongu (SANTOS, 1972, 25; HENDERSON, 1990, 147; AGOSTINHO P. S., s/d, 35)².

Em declarações prestadas às autoridades coloniais durante um processo interrogatório levado a cabo pela PIDE em 1957, Simão Toco informou ter ido para Luanda, a fim de continuar os seus estudos no liceu, que frequentou até ao segundo ano; que abandonou este estabelecimento escolar em virtude de seu pai ter falecido e terem acabado os recursos monetários, regressando à Missão de Kibocolo onde em miúdo tinha sido catequisado. Ali, ocupou o lugar de auxiliar de catequista. Por motivos que não explicitou foi para Léopoldville, para a companhia de seu tio N'gombo, o qual era comerciante e dono de camionetas de transporte de passageiros³.

No Arquivo da RTP de Outubro de 1961, ficou registada uma primeira versão autobiográfica de Simão Toco, quando a partir de Ponta Albina (Namibe) concedeu uma entrevista para aquela emissora de Rádio e Televisão portuguesa, mais precisamente no programa do Telejornal. Naquele momento, o líder tocoísta apresentou-se como Simão Gonçalves Toco, natural de Maquela do Zombo, Distrito do Congo Português. Referiu que nascera em 1918, dia 24 de Fevereiro e que em 1926 começou a estudar numa Missão Protestante em Kibocolo e depois disto, o missionário Arthur Guest, mandou-o para Luanda para continuar os estudos por 4 anos e prosseguiu dizendo:

Estudei o Ensino Primário na Escola Evangélica de Luanda e depois matriculei-me no Liceu, onde fiz o segundo ano. Regressei para a minha terra natal, Maquela do Zombo e continuei a trabalhar na Missão de Kibocolo. Em 1938 fui transferido pelos missionários para a Missão do Bembe, onde fiquei quatro anos e em 1942 fui para o Congo belga, em Léopoldville e continuei a prestar serviço na Missão Protestante, onde fiz sete anos.⁴

Numa segunda versão biográfica feita pelo mesmo em 1974, na Ilha dos Açores (Portugal), encontramos muitos pontos comuns aos da primeira, divergindo na data em que foi transferido para o Bembe, e foram enunciados os motivos que o levaram para o Congo Léopoldville. Eis a segunda versão:

Em 1937 fui transferido para a Missão do Bembe onde estive cinco anos e meio. Depois houve um desentendimento com os missionários porque eu ganhava muito pouco e aquele dinheiro não chegava para a minha vida e pedi licença

² Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Seita Tocoísta. Carta de Simão Toco para a Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo em Luanda e Outras Localidades*, 24.10.1971, fls. 282-285; Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Seitas Indígenas, Origens do Tocoísmo*, 00.12.1956, fls. 669-680.

³ Cf. AHD/MU/GM/GNP/RNP: UI013357, *Relatório de Viagem a Ponta Albina*, 19.07.1957, fls. 113.

⁴ Arquivo RTP – Mensagem de Simão Toco (outubro de 1961), Documento Vídeo, <https://www.youtube.com/watch?v=wkzYkSzLVpw>, consultado em 13.07.2017.

para ir ao Congo belga, em Léopoldville para ir lá trabalhar e ganhar qualquer coisa. Deram-me a licença⁵.

De facto, Simão Toco iniciou os seus estudos na Missão Baptista de Kibocolo e durante a sua formação terá revelado boas qualidades e foi considerado ser um bom aluno. Reunindo estes requisitos, a Missão decidiu enviá-lo para Luanda, em 1933, a fim de frequentar o Liceu Salvador Correia, onde concluiu o 1º Ciclo. Neste período prosseguiu os estudos da Bíblia na Missão Metodista Episcopal de Luanda. Regressado a Kibocolo em 1937, aí exerceu interinamente, o magistério durante um ano, em substituição do professor efectivo, Bruno de Sousa, que entrara em licença. Regressado este, Simão Toco foi transferido para a filial do Bembe, a fim de exercer idênticas funções. Nesta Missão ensinou de 1939 a 1943 (SANTOS, 1972, 25).

Foi na Missão do Bembe que se quebrou o vínculo tão amigável que existia entre os Missionários Baptistas de Angola e Simão Toco. Segundo os relatórios da PIDE de 1956, centrado nas *Seitas Indígenas*, foi nesta localidade que Toco contraiu matrimónio com uma educanda da Missão de Kibocolo, de nome Moni, filha de um catequista, missão de que se afastou quando lhe foi negado um pedido de aumento de salário. No entanto, o relatório acima referenciado sugere que a posição de Simão Toco foi também um protesto, contra o facto de as autoridades missionárias terem recusado a admissão de algumas crianças da sua região para as quais ele havia solicitado a frequência dos estudos bíblicos na Missão Metodista Episcopal de Luanda. Ter-lhe-iam respondido que seria inútil fazer estudos da Bíblia aos pretos, e assim, como aos outros, pois que de resto ele não tinha recursos bastantes para os seus estudos. Decidiu então abandonar a função de monitor e partir para Léopoldville. Nesta localidade trabalhou por sua conta, começando a organizar a seita em 1949, a que deu seu próprio nome: N'zambi a Simon⁶.

É seguro que no Congo, Simão Toco dedicou-se à profissão de relojoeiro e de escrivão público, ocupando-se também de uma associação de socorros mútuos intitulada *N'kutu N'simbani*, associação que mais tarde passou para o controlo de alguns empresários, de acordo com a informação baseada em fontes belgas (SANTOS, 1972, 368). Associação que estaria voltada em conseguir fundos e começar a praticar a independência económica entre os angolanos, passando na construção de escolas, hospitais e etc.

No território do Congo Léopoldville, do ponto de vista religioso, Simão Toco continuou a ser um membro activo no seio da Igreja Baptista, tendo sido mesmo convidado a

⁵ Aimersoft Vídeo Studio Express, Simão Gonçalves Toko (1974), Documento Vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=EZTDxCLSIIE&t=110s>, acessado em 13.07.2017.

⁶ Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Seitas Indígenas, Origens do Tocoísmo*, 00.12.1956, fls. 669-680.

organizar uma aula de catecismo e a formar um coro em 1943 com o grande número de angolanos de Maquela do Zombo que se encontravam aí como migrantes (HENDERSON, 1990, 147). Estes elementos ficaram na versão feita por si, ao afirmar:

Quando cheguei no Congo belga, em Léopoldville, como a Sociedade é a mesma, a Sociedade Baptista, os missionários de lá não deixaram que eu saísse e continuei a ajudar os missionários. Foi entre 1943 a 1949, em que houve o desentendimento com os missionários de Léopoldville⁷.

Os baptistas organizaram coros dos povos das várias regiões com a excepção dos naturais de Angola, mais especificamente daqueles que eram provenientes da área de Maquela do Zombo por não terem quem os dirigisse. Assim, com a chegada de Simão Toco, os diáconos e os crentes pediram-lhe para que dirigisse os ensaios aos quais ele terá acedido com muito gosto e vontade (SANTOS, 1972, 355).

Foi por causa da prontidão que demonstrou para o ensino catequético que os dirigentes da Missão solicitaram a Simão Toco a organização e direcção do grupo coral composto pelos seus. O Coro de Kibocolo, denominação atribuída ao grupo, foi fundado a 5 de Abril de 1943⁸. No princípio, o grupo era apenas constituído de doze discípulos (comparação com os primeiros doze discípulos de Cristo), mas depois aumentou significativamente em termos numéricos. A solicitação e também o aumento exponencial de tantos membros sugere que Simão Toco tornou-se num membro credível na comunidade (SANTOS, 1972, 368)⁹. E como notou Blanes:

em 1946, um segundo evento profético despertou aquilo que é considerado hoje como o momento da fundação da história desta Igreja. Simão Toco, em companhia com outros dois crentes, foi convidado a orar antes da audiência, numa Conferência Protestante Missionária Internacional que ocorreu em Léopoldville. Quando ele tomou a palavra chamou o Espírito Santo, para dar poder aos africanos e salvá-los da escuridão (BLANES, 2011, 102)¹⁰.

Simão Toco, já antes de 1946, elaborou e divulgou alguns folhetos como “*Mensagem do Reino*” textos que levou de Angola para o Congo e, a partir da interpretação daqueles, passou a ensinar os alunos, que liam os folhetos que eram traduzidos do português para o

⁷ Aimersoft Vídeo Studio Express, Simão Gonçalves Toko (1974), Documento Vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=EZTDxCLSIFE&t=110s>, acessado em 13.07.2017.

⁸ Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Criação do Coro de Kibocolo em Leopoldville*, 05.04.1955, fl. 85.

⁹ Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Criação do Coro de Kibocolo em Leopoldville*, 05.04.1955, fl. 85.

¹⁰ *In 1946, a second prophetic event triggered what is considered today as a foundational moment in the history of this church. Simão Toko, along with two other Angolan believers, was invited to pray before an audience in an international Protestant missionary conference held in Léopoldville. When he took the word, he summoned the Holy Spirit to give power to the Africans, and thus “save them from darkness*

kikongo. Os folhetos eram da *Watch Tower* e juntamente com a Bíblia foram os textos que deram a Simão Toco a sua base doutrinal. As reuniões em que fazia a leitura daqueles folhetos foram ganhando uma audiência crescente, pois as pessoas julgavam “*que havia qualquer coisa relacionada com o Simon Kimbangu*”, que então havia “incendiado” os espíritos no baixo Kongo com as suas pregações da vinda de um Novo Cristo. Nestas sessões, Toco referia que mandaria vir mais livros da *Watch Tower* (SANTOS, 1972, 368-369).

Quanto às leituras, Toco declara que, em 1949, passados três anos sem receber os livros que pedira da América (1946), escreveu uma carta para os responsáveis da *Watch Tower*, onde solicitava o cumprimento da promessa que lhe haviam feito da remessa dos textos explicativos da Bíblia. A resposta foi de que os livros estavam a ser publicados, e em troca procederam o envio de textos em francês e em português, publicados¹¹.

Nas sessões bíblicas e leituras que fazia, Simão Toco ensinava e dava alguns preceitos, mas não se alongava muito em explicações. Por exemplo, dizia que antes de rezar “*tenham que abrir bem os olhos*”, mas não explicava o motivo. Os que o ouviam tudo aceitavam e acreditavam nele por ter os livros e julgarem que o que ele dizia estava escrito nos textos ou na Bíblia. Além do mais, os que ouviam Toco perdiam o hábito de perguntar ou pedir explicações porque, fazendo uso das suas próprias palavras, “*perguntar muito é ser suspeito e diz-se não ser bom*”¹².

O emergente líder religioso procurou conciliar a sua pregação ao horário dos mesmos adoptando a metodologia das igrejas cristãs. Assim, os futuros tocoístas começaram a realizar os ofícios religiosos durante o dia e à noite. Os actos diurnos ocorriam na aldeia, no interior da habitação ou no exterior, quando a abundância de convidados assim o exigia. As sessões nocturnas faziam-se durante a maior parte do tempo fora da aldeia e no mato, retirados da aldeia ao abrigo de olhares indiscretos (SANTOS, 1972, 369).

É a fundação do movimento Tocoísta que nos leva a abordar a 2ª fase angolana que aconteceu quando Simão Toco e um grupo de seguidores pisou o solo de Angola em 1950 mercê dos acontecimentos defendidos por ele no ano de 1949 e a partir daquele momento, acusados de perturbarem a ordem e a estabilidade sociais, foram expulsos todos os seguidores daquele líder pelas autoridades coloniais belgas. Sobre a saída do Congo e fixação de residência no Vale do Loge, Simão Toco havia se pronunciado nos seguintes termos:

Depois de a gente evangelizar durante três meses, fomos presos em 22 de Outubro de 1949 e postos nas duas cadeias de N’dolo e Filtra, onde

¹¹ Arquivo RTP – Mensagem de Simão Toco (outubro de 1961), Documento Vídeo, <https://www.youtube.com/watch?v=wkzYkSzLVpw>, consultado em 13.07.2017.

¹² Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Criação do Coro de Kibocolo em Leopoldville*, 05.04.1955, fl. 85.

permanecemos dois meses, aguardando pela determinação daquele governo. Fomos presos primeiramente com pretos portugueses de Angola, mas o número total de tocoístas presos era de três mil (SANTOS, 1972, 374-375)¹³.

Na primeira fase, apesar de o Tocoísmo ter ganho protagonismo a nível de alguns territórios angolanos, foi mais precisamente na região Norte onde o movimento se proliferou em larga escala. Esta expansão contou com a “ajuda” das autoridades coloniais, que procuraram fixar residência a Simão em diversos cantos. E quando no Bembe e em outras partes do Uíge se verificaram casos de insubordinação por parte das populações nativas que trabalhavam no colonato, supondo-se que sob a direcção de Simão Toco, as autoridades locais enviaram-no para Luanda, donde posteriormente foi mandado para Caconda, no mês de Novembro de 1950 e os seus adeptos foram dispersos por várias localidades da província (Angola)¹⁴.

Para o líder religioso a transferência foi motivada por outros factores e aludiu-se a continuação da oração:

As autoridades mudaram-me do Bembe para Caconda. De Caconda é a mesma coisa continuamos a orar e tiraram-me de Caconda para Jau, Sá Bandeira. Dali tiraram-me e fui para Cassinga e daqui fui para o Farol de Ponta Albina, Porto Alexandre, a 300 Km da cidade de Moçamedes (Namibe) e onde estive durante cinco anos e meio¹⁵.

Em Caconda Simão Toco desempenhou as funções de tratorista da fazenda¹⁶. Depois de Caconda, Simão Toco foi para Moçâmedes, actual província do Namibe. Como resultado das sucessivas transferências a que Simão Toco, seus familiares e membros do seu movimento estavam sujeitos, fez por exemplo, com que o Tocoísmo se implantasse no Namibe e mais precisamente na Ponta Albina, um dos locais onde Simão Toco trabalhou como faroleiro. E foi a partir deste ponto que Simão Toco se colocou ao serviço das autoridades coloniais portuguesas, para fazer face ao avanço da UPA, sendo “usado” para facilitar o regresso das populações fugidas das suas aldeias por causa das acções daquele movimento perpetrados em Março de 1961.

A última fase do percurso biográfico de Simão Toco prendeu-se com a Deportação

¹³ Arquivo RTP – Mensagem de Simão Toco (outubro de 1961), Documento Vídeo, <https://www.youtube.com/watch?v=wkzYkSzLVpw>, consultado em 13.07.2017.

¹⁴ Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Seitas Indígenas, Origens do Tocoísmo*, 00.12.1956, fls. 669-680.

¹⁵ Aimersoft Vídeo Studio Express, Simão Gonçalves Toko (1974), Documento Vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=EZTDxCLSIFE&t=110s>, acessado em 13.07.2017.

¹⁶ Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: Relatório Confidencial Sobre Tocoísmo em Caconda, *Informação Sobre Tocoísmo*: 09.04.1951, fl. 600; Aimersoft Vídeo Studio Express, Simão Gonçalves Toko (1974), Documento Vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=EZTDxCLSIFE&t=110s>, acessado em 13.07.2017.

para os Açores (1963-1974), onde seguiu viagem em 1963. O líder religioso se referiu sobre a transferência nos seguintes termos:

Vim cá parar por causa das perseguições do estado, tudo porque os padres não queriam que eu ensinasse a doutrina deles e cheguei aqui e entrei logo nos serviços de Farol para ganhar dinheiro e comecei a ganhar 49\$80 (quarenta escudos e oitenta centavos), não chegava para a minha vida. Pedi e pedi aumento e nunca me deram aumento e vivi com dificuldades. Ultimamente a situação ficou aliviada porque começaram a dar bolsas de estudos para as minhas filhas, mas mesmo assim, sempre vivi muito mal porque a minha vida era muito arriscada. Vivia dentro lá do Farol com os meus colegas. Vivia sozinho em minha casa, porque minha filha não podia viver comigo e estive na cidade (Açores) para aproveitar os estudos. A minha mulher anda doente no hospital há 11 anos que se encontra nesta situação¹⁷.

E regressou em Angola em 1974 e a partir daquele ano empreendeu muitas viagens no território nacional e destacou-se também em reuniões que manteve com os líderes dos movimentos de libertação, nomeadamente da FNLA, MPLA e UNITA. Nesta sua missão de pacificação de Angola, Simão Toco chegou mesmo a viajar até a Kinshasa para se reunir com Holden Roberto e Jonas Savimbi e “*visitou a Igreja de Nosso Senhor Jesus no Mundo, em Kinshasa, Igreja Central do bairro de Cabinda, para a grande satisfação dos seus membros que o receberam e o saudaram vislumbrados e felizes*”¹⁸.

A partir desta trajectória compreendemos que foi a posição de Simão Toco na Missão Baptista de Léopoldville, que lhe conferiu maior prestígio e liderança junto da comunidade Baptista, em particular no seio do povo de Maquela e de outros angolanos que se encontravam naquele país vizinho, onde veio a recrutar muitos dos primeiros seguidores do seu novo plano religioso.

Assim, tendo uma formação liceal, ensinamentos bíblicos básicos e sabendo fazer uso das aptidões que tinha, nomeadamente em ensinar, ler e interpretar a Bíblia e se ter tornado num grande dirigente, através da direcção do Coro de Kibocolo, do *N'kutu N'simbani* e com a posterior participação activa na Conferência das Missões Protestantes em 1946, eis que Simão Gonçalves Toco vem fundar uma Igreja.

¹⁷ Aimersoft Vídeo Studio Express, Simão Gonçalves Toco (1974), Documento Vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=EZTDxCL5IFE>, acessado em 13.07.2017.

¹⁸ O Senhor da Paz, Documento Vídeo Part 01, in <https://www.youtube.com/watch?v=EP-r-WXmvZA>, acessado em 21.11.2017.

2. A Fundação da Igreja de “Nosso Senhor Jesus Cristo no Mundo – O Tocoísmo”.

Na inicial retórica proselitista segundo Simão Toco, o *Novo Messias* viria para restabelecer uma *Nova Ordem*, na qual os papéis entre o colonizado e o colonizador, se inverteriam, uma vez que aquele que se encontrava oprimido passaria a ser um homem livre e estabelecer posterior domínio sobre aquele que outrora o oprimiu. Simão Toco seria o seu Profeta em Angola/África. Enquadramos aqui os profetismos e messianismos africanos, e mais precisamente os do Kongo, que tomaram como bandeira o combate ao colonialismo, mobilizaram as primeiras manifestações de protestos, que foram, sobretudo, reveladas no campo religioso e que tiveram à cabeça os profetas negros, ou seja, os enviados de Deus (SANTOS, 1972, 423-431; SMITH, 1986, 123).

A partir de 1974 Simão Toco deixou a entender que “*não existia o Tocoísmo. O que existia era uma Igreja Africana, com base da Bíblia, igual a todas as outras, pois a verdade de Deus é única*”¹⁹. Simão Toco fez um enquadramento do movimento na linha de todas as religiões cristãs que têm a sua base na Bíblia Sagrada.

Para Redinha o movimento do Tocoísmo teve como fundador Simão Toco que viveu no Congo Léopoldville durante alguns anos, onde esteve algum tempo numa missão Baptista, e que, em 1950, foi expulso para Angola pelas autoridades belgas, acusado de chefiar um movimento que teria muitas afinidades com a “*Watch Tower*”, à margem de contactos com o kimbanguismo e outras “*seitas*” de cariz africano²⁰. Com efeito, a ideia da Igreja de Simão Toco apresentava desde o seu início características da religião africana e também profético-messiânicas, como foi o caso da Igreja Kimbanguista que surgiu no Congo Léopoldville e que, em 1924, se estendeu ao norte de Angola, conduzida pela convicção de romper com o Cristianismo ensinado pelos missionários provenientes dos países colonizadores.

Balandier definiu-os como sendo agrupamentos religiosos formados por secessão a partir das missões cristãs, ou criadas por imitação daquelas e cujo elemento central é uma personalidade profética que anuncia uma espécie de idade de ouro. Para BALANDIER (1995, 420-421):

Tais agrupamentos que exercem um grande poder de atração parecem instáveis enquanto igrejas organizadas, mas duradoiras quanto às necessidades que satisfazem e aos fins que prosseguem. O fenómeno tem simultaneamente significado cultural e representa uma reacção contra a introdução, em grande

¹⁹ Cf. ANTT/SCCIM: C-9-149 A, P. 90215: *Diário de Luanda: Chegada a Luanda de Simão Toco*, 31.08.1974, fl. 18.

²⁰ REDINHA, J., Análise Etnológica dos Mitos e do Messianismo na Subversão em Angola, in *Ciclo de Conferências: A Actividade de Angola. Panorâmica Etnológica e Problemas de Defesa*. Museu de Angola, ADN. EMGFA, GC, CX. 32, Proc. N.º 2492, 31.07.1971, fl. 12.

parte coerciva, de elementos culturais estranhos e sociológicos, pois revela um tomar de iniciativa da sociedade dominada e manifesta uma tentativa de reorganização social.

As Igrejas africanas foram enriquecidas com as crenças e manifestações necessárias para serem consideradas como autêntica religião, pois que nelas encontramos a noção clara de Deus, do cosmo e da natureza, da finalidade e destino do homem e Altuna descreve que elas têm:

Sistema de representações e uma ética derivada das crenças, que cuida da realização do homem e da estruturação da sociedade segundo um plano previsto e com finalidade clara; com um conjunto de ritos-culto por meio dos quais o homem e a comunidade exteriorizam e celebram suas crenças; e com uma fé atuante ou sensibilidade-espiritualismo que vivenciam esse corpo doutrinal e cúltico, dão sentido à existência da pessoa e harmoniza e dão coesão à sociedade (ALTUNA, 2006, 367).

É bem provável que Simão Toco tenha sido influenciado pela *Watch Tower*, porque anteriormente a 1946, já fazia uso de alguns folhetos que levou de Angola e, a partir da interpretação daqueles, começou a ensinar aos antigos alunos. Até aqui seria lícito sublinhar que foi influenciado por vários movimentos e organizações, como por exemplo, a doutrina baptista, o profetismo kimbanguista, e a organização do Exército da Salvação (HENDERSON, 1990, 147).

Na influência do Kimbanguismo evocada por Redinha e outros investigadores, pode ser estabelecida uma relação com o Tocoísmo através da correspondência de Makumbanzi Manuel, Léopoldville (14.07.1956), com Bala Dongala, membro tocoísta na Baía dos Tigres, Angola. Em carta de meados de 1956, Manuel escreveu: “*Yisu Kristu utukidi, una moyo mvu ya mvu. Wuna moyo, wuna moyo. O yeno akundi tusambila, tuakala moyo mvu ya mvu. Kimbangu intinu África, kakala moyo mvu ya mvu. Ensambu zandi tutambula. Tuakala moyo, mvu ya mvu*”²¹. Que em português pode significar “*Jesus Cristo nasceu, está vivo pelos séculos dos séculos. Está vivo, está vivo. Vós irmãos, rezemos, estejamos vivos de geração em geração. Kimbangu é o rei de África, que esteja vivo de geração em geração. Recebamos a sua bênção. Estejamos vivos, pelos séculos dos séculos*”.

A separação entre Simão Toco e as missões baptistas ocorreu na Conferência Missionária, entre os dias 15 a 21 de Julho do ano de 1946, em Kaliná, cidade de Léopoldville, actualmente Kinshasa, onde participaram cerca de quarenta e nove (49)

²¹ Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo*: Correspondência de Makumbanzi Manuel, 14.06.1956, fl. 70.

delegações de Missões protestantes de quase todas as partes do mundo, das quais dezanove (19) eram constituídas por africanos, foi denominada de Conferência Protestante de Léopoldville²². Este “Congresso Geral das Missões Protestantes” organizado pelo Conselho Missionário Internacional, contou com a participação de Simão Toco.

Sobre a conferência e para maior ilustração do que sucedeu naquele momento, eis alguns trechos das orações dirigidas por alguns africanos escolhidos entre os diversos participantes durante os trabalhos. É referido que, o primeiro indicado foi o Reverendo Gaspar de Almeida, da Missão Episcopal Evangélica de Luanda, então Director do Jornal Protestante “O Estandarte”, que orou a Deus para aumentar a instrução, educação, progresso, direitos e unificação entre os brancos e pretos. O segundo participante - o Pastor Jesse Chiula Chipenda - orou a Deus para o aumento das condições sociais dos pretos e para que esses ganhassem dinheiro como os brancos. E ao terceiro indicado:

Foi-lhe dito pelos Missionários Dr. Tucker da Missão de Dondi, no Huambo, já falecido, o Dr. Bréchet da Missão Filafricana de Kaluquembe, para que não repetisse muita coisa na oração, mas sim pedisse apenas o Espírito Santo, a fim de converter o povo africano que se encontrava nas trevas do pecado. Visto que sem a força do Espírito Santo, a África continuaria na mesma. Esse preto chama-se Simão Toco²³.

O Reverendo Gaspar de Almeida refere ainda o culto de 14 de Julho de 1946 e faz menção ao conjunto de grupos corais que entoaram hinos e num destes grupos pertencentes à Igreja do Exército da Salvação, inclui como participante Simão Toco, seu amigo e irmão, que viveu em Luanda durante dois anos, quando estava no Liceu²⁴.

A conferência dedicou a sua atenção a variados assuntos e a agenda comportou os seguintes Painéis: O Cristão em África; A Igreja de Cristo em África; Condições para mudanças; Responsabilidades do Cristão na Saúde, Educação e Literatura. Os mais importantes centraram-se na educação, no “aumento da civilização” (entenda-se como aumento técnico científico, que passava pela escolarização de boa parte dos nativos) e, como não deveria deixar de ser, a questão primordial foi a problemática da Evangelização do “africano”. Na óptica do Reverendo Gaspar de Almeida:

Muita coisa se tratou na Conferência, mas o que devia interessar mais ao africano era o ponto da difusão da doutrina de Cristo sem barreiras em todos os

²² Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Seitas Indígenas, Origens do Tocoísmo*, 00.12.1956, fls. 680-690.

²³ Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Seita Tocoísta: Carta de Simão Toco para a Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo em Luanda e Outras Localidades*, 13.12.1971, fls. 263-265.

²⁴ Gaspar de Almeida, 1948, Congresso Evangélico Missionário da África Ocidental, in *Diário de Uma Viagem*, Edição do “O Estandarte”, Luanda, pp. 28-32.

centros populacionais nativos, a abertura das escolas desde as primárias até as superiores, nas quais os africanos, sem exceção de sexo, teriam largo acesso para evoluir as suas mentalidades²⁵.

Simão Toco depois da participação na reunião das Igrejas Protestantes em 1946 e da fundação do Coro de Kibocolo, volvidos quase três anos, reuniu os membros deste em 25 de Julho de 1949. Esta reunião está na origem do movimento que contempla a designação de “Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo no Mundo”, que na língua de origem seria “*Ebundu dya Mfumweto Yezo Klisto*”. Na narrativa Tocoísta, o momento fundamental da Igreja ocorreu naquela reunião de 25 de Julho em que o Espírito Santo desceu em África, constituindo os participantes em primeiros membros da Igreja em formação. O episódio é frequentemente evocado na literatura sobre o Tocoísmo:

Quando Toco rezava na Missão de Léopoldville, com os componentes do seu coro, de repente sentiram um vento e começaram todos a tremer, alguns falando línguas estranhas e citando passagens da Bíblia, principalmente os capítulos 2 e 4 do livro dos Actos dos Apóstolos (SANTOS, 1972, 370).

Toco também deixou o seu testemunho sobre o evento, profusamente referenciado:

Na noite de 25 Julho de 1949, reuni um grupo de $3 \times 12 = 36$ pessoas em Léopoldville, a fim de perguntarmos a Deus se ouviu ou não a oração de pedido do Espírito Santo, dirigida em 1946. Ao chegarmos a meia-noite, ouvimos um grande ruído e vimos uma luz que encheu toda a sala. Muitos tremiam, e alguns falavam línguas estranhas e citavam passagens bíblicas. Uma coisa estranha e admirável, era de alguns verem coisas maravilhosas que os outros não viam. Muita gente atacada pelo Espírito Santo ia às corridas para as suas casas, buscar muita variedade de feitiços e outras coisas de origem mágica, com que dominavam outras pessoas, vendendo-as para outras terras, ou matavam pessoas por meios misteriosos, para se enriquecerem, etc.²⁶.

Numa extensa e variada epístola, de 1971, dirigida aos membros da Igreja de Luanda e de outros núcleos de Angola, referiu:

Eu sabia qualquer coisa da bíblia o que não foi suficiente, mas graças a Deus comecei a compreender um pouco a mesma depois de o nosso Deus ter dado o Espírito Santo e dei louvores e agradeci aos dois Doutores Tucker da Missão de Dondi e Doutor Bréchet da Missão de Caluquembe, mas ainda tinha as minhas dúvidas de, se verdadeiramente o Espírito Santo nos ajudava e em minha casa em Mayenge n.º 159, em Kinshasa, ex-Léopoldville, desceu o Espírito Santo no

²⁵ Gaspar de Almeida, 1948, Congresso Evangélico Missionário da África Ocidental, in *Diário de Uma Viagem*, Edição do “O Estandarte”, Luanda, pp. 28-32.

²⁶ Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Seita Tocoísta: Carta de Simão Toco para a Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo em Luanda e Outras Localidades*, 13.12.1971, fls. 263-265.

meio de 36 pessoas que oravam naquela noite de 25 de Julho de 1949, dia que Deus deu a resposta da oração²⁷.

Tendo em conta o ocorrido naquela noite fundacional, muitos membros procuraram saber junto de Simão Toco o que se passava, e foi em resposta que mandou abrir a Bíblia em Joel: 2, 28: “*E há-de ser que, depois, derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos, os vossos mancebos terão visões*” (SANTOS, 1972, 370-373), mensagem que Toco interpretou como a confirmação da epifania: “o Espírito havia descido”.

Simão Toco ficou convicto de que vivera algo de especial, isto no Congo Léopoldville, em 1949, um momento que ele considerou de virada a nível da história da Igreja em África, e interpretou como revelação divina os acontecimentos daquela noite:

Se o Espírito fosse satânico que gosta de maldade, os feiticeiros não iriam à minha casa deixar os seus feitiços, confessando todo o mal que praticavam; mas está claro que o Bom Espírito se confundiu com o mau espírito que se misturou, metendo a confusão porque, onde está o Bom Espírito de Deus, ali o Satanás faz a sua confusão, lançando a má semente²⁸.

Na primeira versão da sua autobiografia os depoimentos de Simão Toco fizeram referência as leituras e ensinamentos bíblicos e esclareceu:

Naquelas reuniões bíblicas, começaram a participar mais gente, porque eu explicava a minha classe naquela Missão e também algumas pessoas da Igreja e achando aquilo muito interessante começaram a avisar os seus amigos. O número aumentou entre os três mil membros²⁹.

Já na segunda versão de sua autobiografia, Simão Toco aludiu que os missionários o tentaram persuadir a não prosseguir naquela via, pois que ele era auxiliar da Missão. O que recusou e acrescentou que no Congresso havia pedido alguns livros que explicassem a Bíblia. Simão Toco mostrou os livros e disseram-lhe que os livros não eram daquela Igreja e que não poderiam continuar a ensinar com os mesmos. Os pastores lhe orientaram:

Podes ler esses livros dentro da tua casa, mas não ensina aos outros, porque o Estado não gosta destes livros. E perguntei o porquê de o Estado não gostar destes livros? Se os livros dão explicação da Bíblia? Eles responderam, que enfim, esses livros dizem coisas de Deus e coisas de política. Portanto, abandona esses livros ou então vai ser acusado pelas autoridades belgas.

²⁷ Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Seita Tocoísta: Carta de Simão Toco para a Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo em Luanda e Outras Localidades*, 13.12.1971, fls. 263-265.

²⁸ Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Seita Tocoísta: Carta de Simão Toco para a Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo em Luanda e Outras Localidades*, 13.12.1971, fls. 263-265.

²⁹ Arquivo RTP – Mensagem de Simão Toco (outubro de 1961), Documento Vídeo, <https://www.youtube.com/watch?v=wkzYkSzLVpw>, consultado em 13.07.2017.

Concordei. Mas o povo já tinha sabido da mensagem da bíblia e já liam os livros e não queriam mais deixar. Os missionários vendo aquele movimento expulsaram-me da sua Igreja e tanto aqueles membros da minha classe e depois queixaram-se de nós ao Estado belga e nos prenderam e ficamos na cadeia durante 2 meses. Depois do segundo mês fomos entregues as nossas autoridades portuguesas, na fronteira em Matadi³⁰.

O facto é que esta cadeia de eventos constituiu o momento fundamental na história da Igreja Tocoísta. E também ficou associado ao início da "memória de sofrimento" composta pela invocação dos distintos episódios de prisão, tortura, perseguição, exílio e tentativa de homicídio que o profeta experienciou ao longo da sua vida e na qualidade de líder (BLANES, 2009, 267).

Assim, para Simão Toco e os membros do seu Coro, com a reunião de 25 Julho de 1949, tinha chegado o momento de pôr em prática o mandato de Deus que passava pela fundação de uma Igreja negro-cristã de carácter Universal, que promoveria a igualdade social e o perdão entre os irmãos desavindos em Cristo, conforme referenciou nos anos de 1974 sobre a questão da independência de Angola.

Simão Toco utilizava a via epistolar para dar orientações à sua Igreja. Na sua correspondência dos anos 1970 foram frequentes as referências sobre a ligação do Tocoísmo com a Igreja Protestante e como ele próprio notou numa das cartas escritas em 1972: “os protestantes e tocoístas em relação à religião, somos todos irmãos, a diferença é que o nosso Espírito Santo trabalha visivelmente, e o deles invisivelmente, mas nós somos ramo do protestantismo porque os livros e a bíblia e a pregação é a mesma coisa”³¹.

E ainda reforçou esta ideia no ano de 1974, quando abordou os aspectos fundacionais da sua “religião” e da relação existente com a Igreja Protestante, afirmando:

O Tocoísmo começou desde que os missionários Protestantes nos expulsaram das suas igrejas, mas os homens que estavam habituados a adorar Deus dentro das missões protestantes viram-se todos tristes. Bem, agora nos expulsaram dentro da sua Igreja, mas Deus não está só dentro das igrejas, está em toda a parte. Já que nós fomos ensinados, vamos continuar a adorar o nosso Deus dentro das nossas casas. Não há diferença nenhuma entre o Protestantismo e o Tocoísmo. A diferença que há entre o Tocoísmo e Protestantismo, é que nós temos “vates”, parecem profetas, mas não são profetas. Um homem inspirado

³⁰ Aimersoft Vídeo Studio Express, Simão Gonçalves Toco (1974), Documento Vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=EZTDxCLSIIE>, acessado em 13.07.2017.

³¹ Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Seita Tocoísta: Carta de Simão Toco para Todos os irmãos do Sul e Norte*, 03.02.1972, fls. 193.

por Deus, então, quando inspirado começa a explicar a Bíblia³².

Esta conexão pareceu também visível ao Padre Ferreira Leite, sacerdote católico que conviveu com Simão Toco durante a deportação deste nos Açores. No seu depoimento o padre refere que era Sacerdote na Freguesia de Ginetes desde 15 de Agosto de 1958, que o “senhor Simão” chegara a freguesia há cerca de 12 anos, tendo entrado em contacto com ele. Destes contactos que tiveram, alguns terão sido muito particulares. Um dia Toco terá enviado uma carta onde referiu que se queria encontrar com ele como Cristo com Nicodemos “pela calada da noite”. E sobre estes contactos, refere o Padre Ferreira Leite:

Tivemos diversos encontros não chegamos a acordo precisamente porque a religião dele que eu já tinha alguns conhecimentos através de uma Revista Militar que era secreta ou reservada, como se costuma dizer, notei que realmente a religião dele era uma religião estruturada, tinha a sua parte dogmática, sua parte moral. A dogmática desta religião fundamentava-se no Protestantismo e Antigo Testamento³³.

Sobre a sua doutrina podemos dizer que Simão Toco teve a influência de diversas missões baptistas de Angola e do Congo, ajudando-o a amadurecer o ensino da Bíblia.

3. O Credo Tocoísta e as Bases Doutrinárias, Preceitos e Ensinamentos

Quanto ao seu credo, os Tocoístas aceitavam a Bíblia Sagrada e acreditavam em Deus Pai, em Seu Filho e no Espírito Santo. Acreditavam na Igreja de Cristo que Ele mesmo “edificou” quando esteve neste mundo com os discípulos. Acreditavam na ressurreição dos mortos e na criação de um novo Céu e de uma nova Terra. Tinham como base o Credo Nicénico (SANTOS, 1972, 418-422; ESTERMANN, 1965, 336; GONÇALVES, 1967, 684). Simão Toco tinha um livro, da sua autoria, que mandou para todas as partes e que era uma espécie de “*alcorão tocoísta*”³⁴.

Através das correspondências tocoístas, ficamos a ter uma mínima noção do que pensavam os tocoístas quanto aos céus. Na carta de Manuel Diazi Ramalenzi, Léopoldville, de 04 de Agosto de 1956, para Donzalo Ramalenzi, em Kimpangu:

Peço-te que levantes os teus olhos ao céu para veres e admirares as belezas que Deus guardou para nós se formos amigo d’Ele e cumprirmos o que ele nos recomendou, pois todas as riquezas terrestres ficarão e nada levaremos, mas o

³² Aimersoft Vídeo Studio Express, Simão Gonçalves Toco (1974), Documento Vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=EZTDxCLSIFE>, acessado em 13.07.2017.

³³ Aimersoft Vídeo Studio Express, Simão Gonçalves Toco (1974), Documento Vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=EZTDxCLSIFE>, acessado em 13.07.2017.

³⁴ Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Diversos*, 05.04.1955, fls. 90-91.

que está já no céu, essa é a verdadeira riqueza que devemos lá encontrar e gozaremos esse privilégio pelos séculos dos séculos³⁵.

Acreditavam numa vida pós-morte. Das epístolas que circularam entre os membros do Tocoísmo, a de João Gomes (Quibala, Kwanza Sul), datada de 25 de Dezembro de 1956, dirigida a outro membro tocoísta, António Quinama (Bungo, Uíge) e dá indicações sobre a leitura dos capítulos e alguns livros da Bíblia³⁶, onde tal convicção se enumerava: Efésios, 6, 10: “*No demais, irmãos meus, fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder*” e “*Digo-vos a vós, Meus amigos: não temais os que matam o corpo e, depois, nada mais podem fazer*” S. Lucas, 12, 4³⁷.

Servindo-nos de um dos principais meios de comunicação entre os tocoístas, as epístolas, no tocante ao uso da Bíblia como elemento base da sua doutrina, e se referindo nos aspectos puramente salvíficos, extraímos da carta de N’zandi Emanuel (02.08.1957), Quitoma (Damba, Uíge), dirigida a Pedro N’taya (Maquela do Zombo):

O Nosso Senhor parece-nos que está mais perto de nós que dantes, pois que agora cada vez que o evocamos ou lhe deploramos auxílio vem logo, não só nos ouve, mas também nos auxilia, ao que estamos cada vez mais firmes e crentes. Peço-te a ti que não apartes nem sequer um pé no caminho da salvação, lê sem cessar as escrituras, pois é a luz que nos ensina e nos encaminha no caminho que conduz aos céus, nunca por nunca poderemos deixar de orar e pedir a proteção de Deus, pois sobretudo, a nós que nos cabe a responsabilidade de guiar os outros no caminho da salvação³⁸.

No respeitante a salvação, numa carta escrita pelos diáconos da Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo – África/Angola, Luanda (19.11.1958), para a Igreja de Matadi e Noqui (região do Baixo Zaire), se orientava:

Preservai antes na oração. O próprio Senhor porá fim a tudo isto pois que ele terá que vir para escolher os bons que afastará dos maus; no que respeita à confirmação da doutrina, sabemos que o próprio Deus saberá agir quando lhe aprover e Nosso Senhor Jesus Cristo com o seu Reino Novo é a esperança de todos nós brancos e negros, de todos os que guardam a sua lei; confiai na vinda do Senhor Salvador, rezai com fé porque os pacientes vencem sempre e chegam até ao fim³⁹.

³⁵ Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo*: Correspondência de Manuel Dziari Ramalenzi, 04.08.1956, fl. 70.

³⁶ Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo*: Correspondência de João Gomes, 25.12.1956, fls. 87-88.

³⁷ Bíblia Sagrada, Edição Especial para a Diocese do Uíge, Difusora Bíblica, Lisboa, 1967.

³⁸ Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo*: Correspondência de Nzandi Emanuel, 02.08.1957, fls. 87-88.

³⁹ Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo*: Correspondência dos Diáconos da Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo – África/Angola-Luanda, 19.11.1958, fls. 87-88.

Em relação à oração, quando eles rezam, o fazem de olhos abertos, virados para o céu, porque socorrendo-se da Bíblia alertam que a mesma diz no versículo 1º até ao 2º do Salmo 121: “*levantarei os meus olhos aos montes, donde vem o meu socorro*”⁴⁰.

Sobre a Bíblia como o elemento principal para a doutrina do movimento religioso Tocoísta, ficamos a saber, mais sobre o assunto no ano de 1957, através de uma circular saída naquele ano, a partir de Luanda, onde Luvualo David, um influente membro daquele movimento revelou que por várias vezes foi interrogado pelas autoridades europeias sobre a origem verdadeira do movimento ou doutrina, a sua origem, isto é, “como começou a doutrina do Pai Simão Gonçalves Toco”. A todas as perguntas que lhe foram feitas terá respondido com passagens da Bíblia que o próprio citava e concluiu:

Peçamos todos a Deus que o nosso trabalho nesta cidade de Luanda tenha um bom incremento, tome um rumo consolador, tanto para o nosso Fundador e Guia como para todos nós e para quantos poderão ainda, no futuro, vir a ser adepto⁴¹.

Em 1958, um dos seus discípulos, João Lupini:

Notou e agradeceu o conselho de Simão Toco que lhe lembrava de ler sempre a Bíblia que é o livro da vida, onde Deus, ensinava como ser pastor das ovelhas, sem o qual, estariam perdidos, os órfãos de África que não eram tidos como intelectuais. Que o Senhor os protegesse com a força do Espírito Santo, pois, que o sofrimento e a orfandade de Simão Toco marcavam o símbolo para a oração a Jesus⁴².

Existe um amplo epistolário deste tipo que esteve presente em toda a evolução do movimento Tocoísta. A comunicação entre o líder e seus seguidores foi quase sempre feita através de cartas e muitas delas escritas em kikongo, por causa das sucessivas transferências territoriais a que o líder religioso foi submetido. As cartas retratavam assuntos vários, desde os aspectos organizacionais do movimento, no campo da doutrina, hierarquia, credo e aqueles denominados pelas autoridades de carácter subversivo.

Duas delas são um bom exemplo. Uma dirigida a Simão Toco e outra escrita pelo líder religioso a partir dos Açores. O foco da correspondência para Simão Toco foi o núcleo Tocoísta de Luanda considerado como centro do movimento, mas também outras localidades procuraram manter contactos com Simão Toco através da via postal, nomeadamente, os de Catumbela, Lobito, Vale do Loge, Caconda, Nova Lisboa (Huambo), N'taya e outras localidades. A carta de João da Costa, datada de 14 de Junho de 1965 e endereçada ao líder

⁴⁰ Cf. AHD/MU/GM/GNP/0448/06555: SR.20, D. 5.10, *Simão Toco 1949-1960*, 03.01.1960, fls 108-112

⁴¹ Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo*: Circular Para as Povoações de Mfuemfue, Sadi, Ngando e a todas outras áreas do Zombo, 00.09.1957, fls. 160-167.

⁴² Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-I-1825 (2), P. 7133-7140: carta de João Lupini a Simão Toco de 12.02.1958; Correspondência Respeitante a Simão Toco, 03.07.1973, fl. 3.

religioso, sugere os vários aspectos abordados durante a fase em que esteve no exílio:

Meu querido pai na fé em Cristo Jesus, Simão Gonçalves Toco. Pai as suas cartas que tem mandado pela igreja, tenho enviado as suas palavras de conforto. Pai, é verdade conforme as suas palavras numa das últimas cartas que o pai mandou há dias em que diz que tudo quanto está escrito na Bíblia será cumprido. Conforme as suas pregações quando esteve connosco, elas estão sendo cumpridas. Especialmente no capítulo que o pai nos deixou, nos teus dias de embarque. O Acto dos Apóstolos, 20,28 [...]. Mas estou convencido que o bom pastor sabe como salvar as suas ovelhas, conforme diz o hino⁴³ fundado pelo nosso irmão mestre do coro oeste. Para mim, este hino é muito importante⁴⁴.

Como foi dito em linhas anteriores que o principal ensinamento dos Tocoístas tinha como fonte a Bíblia, e por isso Simão Toco apelava a todos os membros que frequentassem os estudos bíblicos, para que quando alguém fosse chamado a assumir uma determinada responsabilidade tivesse conhecimentos aceitáveis no que a Bíblia diz respeito. Simão Toco não querendo desviar-se do seu ideal doutrinário, no período compreendido entre os anos de 1970 a 1973, reforçou ainda mais as mensagens de cariz bíblico e incentivou os seus membros a fazerem os estudos da mesma, que no seu entender constituía a única via ou forma para o conhecimento da palavra de Deus, porque na sua lógica, sem aquele livro, continuariam a ser “tolos”.

Quando questionado em 1973 por um dos seus membros sobre o porquê do estudo da bíblia entre os Tocoístas visto ser um livro dos brancos, Simão Toco respondeu e aproveitou demarcar-se do Kimbanguismo que Redinha e outros investigadores haviam associado como sendo um movimento que influenciou o Tocoísmo. Em Abril de 1973, Toco questionava sobre quem alegava que o estudo bíblico que ele “avisou” tinha sido obrigado pelos brancos, e sobre o “mal” de ler o livro sagrado e fez referência ao “antigamente” aos irmãos do Kimbangu que não gostavam da bíblia e diziam que a bíblia era para os brancos, mas depois de os tocoístas começarem a explicar a bíblia começaram eles também a gostar da mesma. Por isso, no seu entender, o que eles gostavam era de espiritismo. Defendeu:

A nossa doutrina baseia-se na bíblia por isso os mancebis devem estudar a bíblia. Quem vos ensinou a palavra de Deus? Não são os brancos? Os tolos que estão falando mal da bíblia são ignorantes, a palavra de Deus não está bem assente nos seus corações são ao mesmo tempo hipócritas ou ateus, mas nós os tocoístas servimos a Deus. Não somos espiritistas, mas espiritualistas. Os espiritistas creem

⁴³ Ignora-se qual seja hino fundado pelo mestre do coro do Oeste.

⁴⁴ Cf. ANTI/SCCIA: Cx. 262: PI 201: Ofício Secreto n.º 2595-CI(2), Secção Central: *Tocoísmo: Carta de João da Costa para Simão Toco*, 10.07.1964, fl. 395.

em espíritos imundos e nós os Tocoístas cremos no Espírito Santo de Deus. Graças a Deus muitos Kimbanguistas converteram-se e estão se humilhando com o Espírito manso⁴⁵.

Tendo um cariz religioso, Simão Toco adoptou progressivamente um conjunto de normas e preceitos retirados, sobretudo, do texto bíblico.

No que respeita aos mandamentos e ensinamentos, Daniel Mfinda, primo de Simão Toco e tocoísta responsável pelo grupo situado no Vale de Loge, depois da saída do líder, afirmou no início dos anos de 1960, que o Coro que Simão Toco ensinara em Léopoldville era igual ao Protestante. A única diferença que se podia notar em relação aquela Igreja é que os adeptos de Simão Toco não fechavam os olhos quando rezavam. As mulheres poderiam usar cabelo comprido e amarrá-lo com linhas; e para assistirem à missa e aos trabalhos religiosos tinham de usar lenço na cabeça. Todos os primo-discípulos (fundadores) eram “*mestres*” no que respeitava à missa e aos ensinamentos da Bíblia, porque todos tinham sido ensinados por Simão Toco em Léopoldville. Deviam ensinar a existência de um Salvador, Jesus Cristo, sendo Simão para os seus adeptos, apenas o professor⁴⁶.

Simão Toco não se considerava inimigo dos católicos e protestantes e por esta razão, era normal encontrar pessoas que professavam outro culto cristão ou animista fazerem parte dos encontros entre os Tocoístas, evitando assim barreiras de cor e religiosas dentro do seu movimento que ele sempre aspirou ganhar a dimensão universal.

Numa das cartas dedicada ao “Culto aos Pastores”, Simão Toco exortava que para orar não era preciso edificar templos ou casas de oração. Cremos que esta atitude foi tomada por causa da vigilância exercida pelas autoridades as actividades Tocoístas. Sendo um templo um lugar de fácil reconhecimento, o profeta pretendia, por certo, com esta recomendação, que o culto e as reuniões continuassem, mesmo em qualquer local. Com tudo isto, o movimento tocoísta assumiu um carácter semiclandestino, pois que todos os recintos poderiam servir como espaços de rito e serviço religioso.

Em 1957, escreveu para os seus membros:

Quando estiverdes a fazer as vossas orações e algum dentre vós se sentir sobrenaturalmente inspirado, procurai afastá-lo do meio de vós e ponde-o num compartimento à parte. Enquanto não repor as leis da nossa Seita como elas eram prescritas aquando da sua fundação, nada poderemos fazer por ora. É preciso vos lembrades que deveis marcar sensivelmente com os pés o local onde, no quarto, fazeis as vossas orações, ou mesmo dentro de vossas casas. No

⁴⁵ Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Carta aos Membros Tocoístas de Angola*, 03.04.1973, fls. 16-17.

⁴⁶ Cf. AHD/MU/GM/GNP/0448/06555: SR.20, D. 5.10, *Simão Toco 1949-1960*, 03.01.1960, fls. 108-112.

momento da oração apenas 3 coisas vos devem acompanhar: a Bíblia, o Livro de cânticos e um vaso de flores por cima da mesa, isto no caso de possuídes flores⁴⁷.

Assim, nem sempre os Tocoístas precisaram de uma igreja “física”, muitas vezes era uma casa quer de pau a pique, quer de adobe, ou um recinto vedado, coberto ou não, de forma aproximadamente quadrangular. Em ambos os casos, não faltava o espaço mais nobre do lugar sagrado, o Santo dos Santos, terminologia afecta ao Templo de Salomão, ou a Casa Santa, como lhe chamavam os tocoístas e onde eram guardados os objectos do culto e se realizavam as cerimónias. Inicialmente o culto tocoísta impunha aos crentes/membros um preceito de práticas diárias. Assim, no curso da semana, os sábados e domingos destinavam-se ao culto e os restantes dias eram dedicados ao estudo da doutrina (SANTOS, 1972, 416).

Nas paredes das Igrejas Tocoístas via-se a cruz normal das igrejas cristãs, envolvida por um “S” e acrescido de alguns complementos. Esta cruz, envolvida pelo “S”, significa simultaneamente a Cruz de Cristo e a inicial de “Simão”, primeiro nome do criador do Tocoísmo.

O Tocoísmo incorporou todo um conjunto de actos solenes ou sacramentais e normas pastorais e litúrgicas a eles associadas. Numa carta de 1972 Simão Toco explicita-os, embora não referia o momento em que os introduziu na Igreja. O primeiro acto solene, e não um sacramento em si, entre os tocoístas é a dedicação da criança ao Senhor, rito inspirado no Levítico (12, 6-8) e em São Lucas (2, 22-24), elemento que consiste em apresentar o recém-nascido entre a comunidade num dos dias solenes de celebração do culto. Ficamos a saber, da posição de Simão sobre este assunto, na carta de 1972 onde se pode ler que as:

“crianças nascidas em adultério seriam também dedicadas ou consagradas na Igreja, mas as mães e os pais que adulteraram que fossem punidos pela Igreja”⁴⁸.

O segundo momento solene é o baptismo, que se constitui no primeiro sacramento e é considerado como o rito de agregação ao Tocoísmo. Desde cedo foi incorporado e era administrado a partir dos 10 ou 11 anos. Foram adoptados dois sistemas de baptismo: por imersão e por aspensão. Mas tanto num como no outro, a cerimónia era precedida por uma confissão pública, que muitas vezes criava estados de transe, fenómeno que era tido como sinal da presença do Espírito Santo⁴⁹. Em seguida era lida uma oração da Bíblia, sendo-lhe depois mergulhada a cabeça na água, mas puxada para trás. Seguidamente era retirado da

⁴⁷ Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo*: Correspondência de Simão Gonçalves Toco, 17.10.1955, fl. 70.

⁴⁸ Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Seita Tocoísta: Carta de Simão Toco Sobre as Reformas na Igreja*, 20.11.1972, fl. 102.

⁴⁹ Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Seita Tocoísta: Carta de Simão Toco Sobre as Reformas na Igreja*, 20.11.1972, fl. 102.

água por dois Tocoístas, que davam a ideia de servirem de padrinhos, sendo levado para a sua residência, onde lhe era tirado o pano branco e se vestia. Esta cerimónia era realizada, geralmente ao domingo, havendo à noite cânticos, tendo o baptizado de beber, por um pequeno copo, um líquido que dava ideia de limonada⁵⁰.

No processo cerimonial, o baptismo começava pelos meninos e depois passava para as meninas. As mulheres no ritual tocoísta não estavam autorizadas a realizarem cerimónias baptismais sendo esta tarefa reservada exclusivamente aos homens. Ficou também interdito o baptismo a uma senhora, no estado de gestação. Diferentemente da Igreja Católica que autoriza o baptismo até aos recém-nascidos, os membros daquele movimento justificavam a exclusão destes por não terem a capacidade de discernir e acrescentavam que, muitos quando atingissem a fase adulta acabavam deixando a Igreja pela qual foram baptizados por em alguns casos não concordarem com a crença pela qual tinham sido consagrados, pois que quando o fizeram, eram apenas “inocentes”.

O estabelecimento deste sacramento e das suas normas começou quando Simão Toco em Léopoldville e em sua casa, baptizou Pululo José (*Joseph*). O catecúmeno ajoelhado em frente a Simão Toco, estando a sua direita uma mesa coberta com uma toalha branca, com flores e bíblias, uma garrafa de água e um copo de vidro. Entre Simão Toco, que se encontrava de pé, e o Pululo, estava desenhada no chão uma cruz, a cal branca, tendo nos intervalos quatro velas e três copos com flores brancas e vermelhas. Toco cobri-o com um pano branco, tendo cosida uma cruz romana a vermelho. O rito iniciou-se com a leitura da Bíblia e dos seguintes mandamentos:

Não matar, não roubar, não beber álcool (vinho e cerveja), não fumar, não comer carne de porco, não tirar as mulheres dos outros, respeitar todas as pessoas e especialmente as autoridades, não andar à pancada, não podendo ficar com duas mulheres” e foi seguido por uma “confissão de Pululo onde expôs todos os seus pecados⁵¹.

De seguida, segundo Pedro Agostinho, membro da Igreja Tocoísta e autor de uma obra/brochura sobre Simão Toco e os Tocoístas no Mundo, que apareceram como primeiras publicações Tocoístas, que a este acto se referiu em depoimento de 1957, Toco deitou a água no copo, despejada da garrafa, e pondo um pouco na palma da mão direita, aspergiu três vezes, sobre a cabeça de Pululo e dando a água a beber ao baptizado, do mesmo copo, proferiu as seguintes palavras: “*em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo eu te abençoo*”

⁵⁰ Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Viagem ao Norte da Província e Acontecimentos em São Salvador*, 03.12.1956, fls. 493-507.

⁵¹ Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Pululo José ou Joseph*, 15.05.1957, fls. 96-98.

e dando a mão direita a Pululo, o ajudou a levantar-se (Pedro Agostinho, s/d, 80). O baptismo passou a ser o elemento principal entre os sacramentos do movimento.

Bebendo das práticas ensinadas pelo cristianismo, Simão Toco acomodou no seu movimento (Igreja) outro elemento sacramental que foi a comunhão. Diferentemente dos católicos, que usam o pão ázimo e o vinho da missa, para os tocoístas o pão era substituído por bolacha, biscoito, pedaços de banana e até mandioca, e o vinho trocado pelo “líquido”, ou seja, por chá, café ou laranjada/limonada. A comunhão ocorria, sobretudo, no dia 25 de Julho, cerimónia que se celebrava tendo em atenção o dia da fundação da própria Igreja (SANTOS, 1972, 405-410).

A Santa Ceia, que recordava a morte e ressurreição de Jesus Cristo (S. João 6, 54-56; S. Marcos 14, 22-24; I Coríntios 11, 23-30) tornou-se também um momento de celebração no Tocoísmo. Os Tocoístas deviam apresentar-se na Santa Ceia do Senhor devidamente ataviados com vestes brancas. Só era permitida a participação da Santa Ceia as pessoas baptizadas. Todos os tocoístas em situação normal eram obrigados a participar na mesa do Senhor. Se algum Tocoísta faltasse à Santa Ceia três vezes consecutivas sem uma justificação aceitável, deveria ser convocado pelos Anciãos da sua Tribo ou Classe, a fim de se justificar e caso isto não acontecesse, o mesmo seria punido e regressaria ao convívio só depois de realizar a sua confissão⁵².

Outro elemento importante da consagração tocoísta é o casamento. Simão Toco defendia que as meninas tocoístas passavam da flor da idade depois de completarem 17 anos, idade a partir da qual poderiam realizar o acto de casamento. Caso uma menina tocoísta se casasse antes daquela idade seria punida, mas superando-a, os pais poderiam fazer o que quisessem com a filha. Todavia, os pais nunca poderiam organizar secretamente um casamento para as suas filhas, sem primeiramente avisar a Igreja, porque as meninas pertenciam a Deus e não deviam ser entregues aos maridos sem o conhecimento da Igreja. A menina poderia casar com o homem que ela gostasse, católico, protestante ou tocoísta, uma vez que as coisas fossem bem organizadas pelos pais e pela Igreja⁵³.

As mulheres constituíam, pelo menos na fase inicial, a maioria do povo tocoísta e era plausível serem muitas delas casadas com homens não filiados na nova Igreja. A tal circunstância Simão Toco esteve atento. Numa carta de Tunga Daniel (um dos representantes máximo da Igreja em Luanda), dirigida a Pedro Muica, alto dirigente da Igreja (Maquela do Zombo, 3.1.07.1957), é referido:

⁵² Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Seita Tocoísta: Ritos e Cerimónias dos Tocoístas*, 14.03.1972, fls. 242-243.

⁵³ Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Seita Tocoísta: Carta de Simão Toco Sobre as Reformas na Igreja*, 20.11.1972, fl. 102.

As mulheres cujos maridos não querem acreditar na nossa religião não devem desanimar. É um sacrifício sem importância. O bem há-de vir para o futuro. As mulheres devem gravar bem no coração estas palavras e amar bem os seus maridos porque assim estando eles satisfeitos com elas, virão à nossa religião.

E pelo menos até 1957 o adultério era punido com a expulsão da Igreja. Esta expulsão atingia a mulher adúltera e o homem envolvido, caso este fosse casado e crente daquela Igreja (SANTOS, 1972, 401).

A constituição de uma normativa foi um processo progressivo. E tais normas apareceram pela primeira vez consubstanciadas nas “*Recomendações aos Nossos Pastores*”, tornadas públicas entre 1949 e 1950, onde Simão Toco explicitou um conjunto de “leis” reguladoras das práticas tocoístas.

Nestas recomendações o líder religioso escreveu:

As mulheres não deviam amarrar os cabelos com as linhas, a não ser com a ligação do próprio cabelo: isto só podia ser feito nos dias de trabalho. Aos domingos só se usa um risco no meio da cabeça para os homens e não deixar crescer o cabelo, quando cortar o cabelo deixar o suficiente para abrir um risco. Qualquer revelação espiritual que eu tiver feito nunca se pode duvidar. Os filhos que nascem agora devem usar nomes portugueses. É necessário que a língua portuguesa seja bem estudada. Nos oratórios não devem rezar com as velas, nem nas casas de habitação. Nas casas de orações, os homens devem estar de pé com um pano branco embrulhado, este pano não pode servir de outro uso. Não se devem untar mais com óleo, o que já untei é suficiente. Todas as pessoas, em sua casa, quando rezam não devem faltar flores⁵⁴.

Em 1950, um dos membros mais activos e relevantes da época, N’ti da Silva, em carta dirigida ao povo de Sadi (27.07.1950) procurou anunciar as “*Ordens Permanentes de Jesus Cristo em África*”. Nelas se enumeram alguns elementos que podem enquadrar-se no conjunto de orientações e outros mandamentos:

Se alguém for castigado por um branco ou pessoa qualquer deve pedir perdão e não revoltar-se, para dar respeito ao nosso serviço; O homem deve trabalhar os seus trabalhos sem enfraquecer; Se alguém da terra o desprezar ou descompor, não ligar nada, nem responder, somente rezar por Deus; Se alguém quiser escrever em qualquer lado as suas cartas, têm que ser vistas por toda a gente da religião; Todos têm a sua roupa e não podem andar sujos, nem descalço quando saem para o passeio; Quando pretender sair um grupo para ir fazer compras nas lojas, nunca podem entrar todos juntos, entre de cada vez

⁵⁴ Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Tradução da Carta do indígena da Religião Protestante Simão Toco*, 27.07.1950, fls. 594-595.

três pessoas; Têm direito os dirigentes de Conferenciar uns com os outros.

Ainda na mesma carta também foram estabelecidas algumas normas de boa convivência e ao papel das mulheres no seu lar e se pode ler:

As mulheres não podem faltar lenços na cabeça a todas as horas; As casas de habitação têm de ter sempre a limpeza necessária, principalmente nas sextas-feiras, têm de ser lavadas com água e tirem todas as coisas para o sol; antes de entrarem na reza devem primeiro lavar a boca ou tomar banho; Os pecadores devem ser punidos com a pena de usarem pano preto (para os distinguir no meio dos outros crentes); as mulheres devem cumprir as ordens dos seus maridos na vida particular; Todos os crentes da religião devem usar tecidos brancos com feítios⁵⁵.

Em termos de simbologia Tocoísta, para além do uso das vestes brancas, que foram adoptadas em 1950, já antes aparecera a estrela por volta de 1949. Eram feitos em casa de Simão Toco e inicialmente era um simples quadrado de pano encarnado e até aquela data não se sabia o significado⁵⁶. A estrela que no princípio tinha a forma de uma meia-lua por baixo e que mais tarde evoluiu para uma estrela completa. Para Simão Toco, a estrela simbolizava ou mostrava que a África também tinha recebido a luz de Deus⁵⁷.

Quanto a estrela, outros a reconhecem como se fosse uma ligação à bandeira do Congo Léopoldville, que continha aquele símbolo. Destacar o uso das vestes brancas, como um elemento identitário colectivo. Na tradição africana, o branco é a cor dos mortos e dos espíritos; o vermelho é a cor do sangue; o preto é a cor do sofrimento, da dor, da provação e do mistério (ALTUNA, 2006, 67).

No tocante a Igreja em si, Simão Toco deixou entender que não se tratava do Tocoísmo, mas sim que se tratava de uma Igreja Universal e que a mesma estaria aberta para toda e qualquer pessoa, daí a designação de “Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo no Mundo”. No pensamento que Simão Toco tinha em criar uma Igreja de âmbito universal, fomos encontrar entre os Tocoístas um hino muito famoso cantado em kikongo, que nos ajuda a perceber esse ideal: “*mabundu twa yikana twa tunga dybundu dya Se*”, que pode ser entendido como “igrejas unámo-nos para construir uma Igreja do Pai”. Este hino surgido por volta dos anos de 1958 a 1960, nos leva a entender o esforço de Simão Toco na construção de uma Igreja que tivesse a dimensão de uma Igreja Universal.

⁵⁵ Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Tradução da Carta do indígena da Religião Protestante Simão Toco*, 27.07.1950, fls. 594-595.

⁵⁶ Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Correspondências de Simão*, 05.04.1955, fl. 22.

⁵⁷ Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Criação do Coro de Kibocolo em Léopoldville*, 05.04.1955, fls. 85-89.

Eis a letra do hino: “*O yeno mabundu twa yikana, mabundu twa yikana twa tunga dybundu dya Se; o yeni milongi twa yikana, milongi twa yikana twa tunga dybundu dya Se; o yeno yiselo twa yikana yiselo twa yikana twa tunga dybundu dya Se; y wa lwydy Zola, ezola wimana ko, e tio Mayamona ukalongele*”; que em português se pode traduzir: “*Vós igrejas, unámo-nos para construirmos a igreja do Senhor. Vós pastores, unámo-nos para construirmos a igreja do Senhor. Vós os leigos, unámo-nos para construirmos a igreja do Senhor. É isto que é amor, o amor que não dispersa, assim disse o tio Mayamona*”. Quanto a pretensa ideia de fundar uma Igreja Universal, aquele líder fez várias referências no sentido dos seus membros usarem a bíblia como o único meio para o alcance da salvação, sustentando a sua ideia de que todos seriam resgatados com a última vinda de Cristo, que viria como preto e em África.

Haverá, sim, pontos de vistas diferentes de interpretação entre os vários intervenientes que se posicionam em frente das igrejas, interpretação esta que também será diferente por causa da doutrina de cada uma delas. Os tocoístas interpretavam a Bíblia de acordo com os ensinamentos protestantes e no contexto das realidades africanas. Para o fundador e líder, o Tocoísmo em si, não existia, existindo, isto sim, uma Igreja Cristã africana de origem angolana⁵⁸. A partir deste momento Simão Toco tinha lançado as bases para que o Tocoísmo concorresse no âmbito das grandes religiões de África e também de carácter universal.

Numa epístola de 1972 o líder religioso enfatizou a ideia de criar uma Igreja Universal, através da qual exortava os seus seguidores a orarem para a salvação do mundo, isto é, para quem quisesse ser salvo, branco ou negro. Defendia que a perseguição que era movida contra os tocoístas não devia preocupar nem intimidar os membros da Igreja, mesmo que as autoridades chegassem ao ponto de matarem os confessos daquela religião. E comparava a trajectória de perseguição da sua Igreja, com a experimentada por Jesus Cristo e seus seguidores, de Jerusalém até aos “confins da terra”, para Toco era a “África”. Também nos “confins da terra” a perseguição aos Tocoístas estava inscrita na profecia. Sustentou ainda que a Igreja estava dada aos confins da terra e quem não a abraçasse era tolo e nada mais. O que era necessário para manter a Igreja nos confins da terra era o aprendizado da Bíblia. Segundo as suas afirmações, o mundo não queria que Jesus Cristo retornasse e daí a razão da perseguição movida contra os tocoístas⁵⁹.

Já em 1974, o líder teve a convicção de que a sua Igreja nunca iria desaparecer:

⁵⁸ Cf. ANTT/SCCIM: C-9-149 A, P. 90215: *Diário de Luanda: Chegada a Luanda de Simão Toco*, 31.08.1974, fls. 18-19.

⁵⁹ Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Seita Tocoísta: Carta de Simão Toco Sobre o Serviço dos Tocoístas*, 08.08.1972, fls. 115-116.

Porque em primeiro lugar estava acima dele e em segundo: porque o Tocoísmo era composto dos velhos, velhas, homens, mulheres, jovens, crianças. O Tocoísmo não pode acabar, porque vai ser encontrado pelo próprio Cristo quando vier [...] o serviço religioso para mim é muito grande e tenho adeptos e todos querem que continuemos com o mesmo serviço. Portanto, mesmo que houver serviço do Estado para ganhar o meu pão, eu continuarei a ajudar os meus irmãos, a ensinar e estudar a palavra de Deus⁶⁰.

Depois de ter organizado o movimento e ganho contornos de uma Igreja em 1950, eis que Simão Toco, que por influência dos missionários baptistas junto das autoridades coloniais belgas, é expulso do Congo e entregue às autoridades coloniais portuguesas em Angola. É com base esta expulsão, contacto e política adoptada pelas autoridades angolanas que a nova Igreja se expandirá em boa parte do território.

⁶⁰ Aimersoft Vídeo Studio Express, Simão Gonçalves Toco (1974), Documento Vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=EZTDxCLSIIE>, acessado em 13.07.2017.

Considerações Finais

Com base a reconstituição da biografia de Simão Toco conseguimos redefinir o seu trajecto até à fundação do Tocoísmo, facto que veio ditar a relação com as autoridades coloniais portuguesas, que por sua vez, o colocaram constantemente sob vigilância, prisões, mudanças e fixação de residência, desde o Norte, Centro e Sul da colónia, culminando com o exílio ou transferência para os Açores, tornando-o num verdadeiro cidadão do império ultramarino português.

No postulado de Simão Toco, o momento de separação definitiva com as igrejas baptistas ocorreu a partir de 1946, depois da realização da Conferência Protestante em Léopoldville e seguido da celebração das festas da Missão de Kibocolo. O momento fulcral da fundação do movimento ocorreu em 1949, no dia 25 de Julho, data celebrada até hoje como a data oficial da fundação da Igreja, momento considerado por Simão Toco e pelos seus fiéis como sendo da descida do Espírito Santo em África.

Depois deste acontecimento tão importante na vida de Simão Toco e dos membros do seu coro, que agora se convertem em seguidores da nova “Igreja”, os primeiros convertidos são expulsos pelas autoridades belgas, acusados de perturbarem a ordem pública e praticar ritos de uma religião místico-religiosa. Em 1950, os presos políticos foram entregues às autoridades coloniais portuguesas na fronteira entre os dois países e encaminhados para o Vale do Loge para trabalharem nas plantações de café. Simão Toco adoptou, de forma paulatina, uma doutrina, apoiando-se na Bíblia e enquadrou a Santíssima Trindade Cristã e incorporou uma série de ritos, sacramentos e mandamentos a base do protestantismo. Criou uma simbologia que pudesse caracterizar a sua Igreja e os seus membros.

Fontes e Bibliografia

I. Fontes

A. ARQUIVO HISTÓRICO DIPLOMÁTICO

AHD/MU/GM/GNP/0448/06555/SR.20; D. 5.10;

AHD/MU/GM/GNP/RNP: UI013357;

B. ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO (PIDE/DGS E SCCIA)

PIDE/DGS, Delegação de Angola, Sec. 731 NT 962-964;

PIDE/DGS, Delegação de Angola, SCCIA, NT 262

PIDE/DGS, Delegação de Angola, P. Inf. 15.46 NT 2111;

PIDE/DGS, Delegação de Angola, P. Inf. 15.46 A NT 2105;

PIDE/DGS, Serviços Centrais, processos 1825 CI (2) NT 7133-7140;

PIDE/DGS, Serviços Centrais, processos 6462 CI (2) NT 7440;

c. ADN (GCE-MGFA):

REDINHA, J. (31.07.1971). *Análise Etnológica dos Mitos e do Messianismo na Subversão em Angola*. Lisboa: ADN. GCE-MGFA, Cx. 32.

D. PUBLICAÇÕES TOCOÍSTAS

AGOSTINHO, P. S. (s/d). *Simão Gonçalves Toco e os Tocoístas no Mundo* (Vol. 1º). Luanda.

E. OUTRAS FONTES

ALMEIDA, G. (1948). Congresso Evangélico Missionário da África Ocidental - Diário de Uma Viagem (1946). *Edição do Jornal "O Estandarte"*, 1-42.

F. REFERÊNCIAS

ALTUNA, R. R. (2006). *Cultura Tradicional Bantu* (2ª ed.). Portugal: Paulinas.

BALANDIER, G. (1995). *Sociologie actuelle de l'Afrique Noire*. Paris: Quadrige PUF.

BLANES, R. L. (2009). O que é que se passa no Tabernáculo? – Oração e Especialização na Igreja Tokoísta Angola. (R. Sociedade, Ed.) (29(2)), pp. 16-133.

BLANES, R. L. (March de 2011). Unstable Biographies. The Ethnography of Memory and Historicity an Angolan Prophetic Movement. (H. a. Anthropology, Ed.) 22(1), pp. 93-119.

BLANES, R. L. (Junho-Julho de 2012). O Tempo dos Inimigos. Reflexões Sobre Uma Antropologia de Repressão no Século XXI. (H. Antropológicos, Ed.) *Horizontes Antropológicos, ano 18(37)*, pp. 261-284.

ESTERMANN, C. (1965). O Tocoísmo como um Fenómeno Religioso. (G. d. Orta, Ed.) *XIII(3)*.

GONÇALVES, J. (Julho Outubro de 1967). O Tocoísmo perante a Sociedade Angolana. (F. M. Soares, Ed.) *Separata do Bullentin de l'Institut Fundamental d'Afrique Noire - Sciences Humaines, série B, tomo XXIX(3-4)*.

GROMIKO, A. (1987). *As Religiões da África: Tradicionais e Sincréticas*. Moscovo: Edições Progresso.

HENDERSON, L. (1990). *A Igreja em Angola* (1ª ed.). Lisboa: Editorial Além-Mar.

SANTOS, E. (1972). *Movimentos Proféticos e Mágicos em Angola*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

SMITH, A. D. (1986). *The Ethnic Origins of Nations*. (O. B. Blackwell, Ed.)